

Carlinda Leite (*)

O que a escola rejeita a prisão aproveita

Introdução

Alguns daqueles a quem a escola rejeitou frequentam-na de novo, agora na prisão. É a comparação destas duas situações que se faz neste artigo para se conhecer o papel desta nova escola.

Ao concluir-se da representação positiva da escola na prisão, por aqueles que a frequentam, questiona-se a sua reduzida frequência.

A função da escola e a forma como (des) integra jovens, com comportamentos considerados desviantes relativamente às normas instituídas, constituem tema importante de reflexão para todos os educadores.

A Constituição da República Portuguesa define, no seu artigo 74.º, que «todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar» e a Lei de Bases do Sistema Educativo Português (1) estabelece, nos seus princípios gerais, o «direito à educação e à cultura», e a «democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efectiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares». Neste sentido, é forçoso que se interroguem os mecanismos que levam a escola a rejeitar alunos que têm direito ao êxito escolar. Todos sabemos que ano após ano um número significativo de alunos são excluídos da

escola que, paradoxalmente, são obrigados a frequentar. Sabemos também que essa exclusão atinge principalmente as crianças e jovens de grupos mais desfavorecidos socioeconomicamente. É também a estes grupos que pertence o maior contingente dos reclusos. Assim, o que a escola rejeitou a prisão aproveitou.

— Que oportunidades oferece agora o sistema escolar àqueles que anteriormente rejeitou?

A escola na prisão é uma realidade em Portugal, desde 1979.

— Qual o papel desta escola?

— O que representa para aqueles que a frequentam?

— Que influência têm o discurso, a vivência e a formação escolares?

Relativamente à escola regular muitas críticas lhe são feitas por veicular um ensino enciclopédico, dirigido apenas a determinado tipo de alunos e que ignora os interesses, códigos de comunicação, ritmos e valores diversificados daqueles que a frequentam. Critica-se o facto de a escola privilegiar um único sistema de regras, transformando as diferenças existentes entre os alunos em desigualdades que legitima e que penalizam aqueles cujo capital cultural mais se afasta do da escola.

— O que representou esta escola para os que agora estão presos?

— Existe alguma diferença entre a forma como recordam a escola que frequentaram na infância e a que frequentam agora na prisão?

— Que papel tem (e pode ter) a escola na prisão?

Estas são algumas das questões que tentarei clarificar, já que são objectivos desta comunicação:

(*) Docente da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto.

Comunicação apresentada ao I Encontro de Professores dos Estabelecimentos Prisionais que decorreu em Coimbra nos dias 15 e 16 de Abril de 1991.

— Analisar o que representou, para alguns reclusos, a escola que viveram no passado, o que dela recordam e quais as marcas deixadas;

— Comparar as representações escolares passadas com as que constroem da escola que frequentam na prisão;

— Suscitar a reflexão sobre as consequências desse passado escolar em predisposições para educações escolares/formações futuras;

— Perspectivar o papel da Escola na prisão.

Aspectos em que se baseia este trabalho

1 — O passado escolar de jovens reclusos

Em 1986 realizei um trabalho no Estabelecimento Prisional do Porto que pretendeu conhecer o passado escolar dos jovens presos, isto é, dos rapazes e rapari-

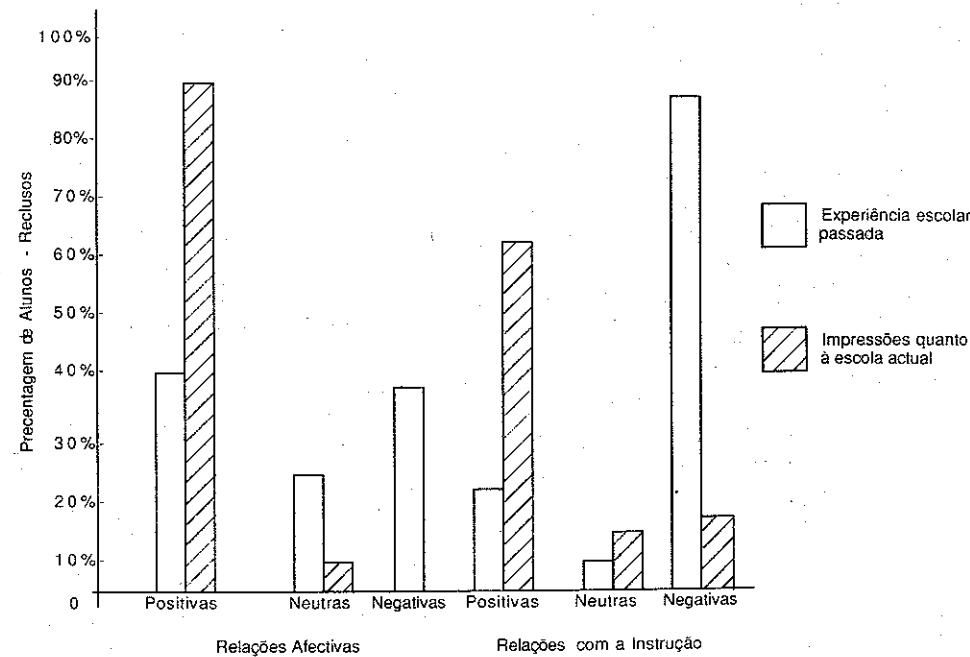
gas, entre os 16 e os 18 anos, que durante esse ano passaram pelo Estabelecimento.

Esse trabalho revelou baixos níveis de escolaridade dos jovens e um passado escolar marcado por absentismo, reprovações, situações de fuga e abandono. Muitos deles estiveram inscritos na escola até ao limite de idade (14 anos) sem nunca terem passado de ano; embora inscritos, iam apenas às vezes, e o que recordam mais desse tempo são as fugas para outros interesses («era malandro», «queria era brincar», «andava com más companhias», «andava na droga», «embebedava-me»).

A estas recordações associam-se sentimentos de incapacidade para aprender o saber ensinado na escola («não tinha cabeça para aquilo», «aquilo era chato», «não tinha vocação»).

Mas o contacto, em entrevistas, com alguns destes jovens revelou diferenças substanciais entre as recordações da escola passada (a que viveram na sua infância) e as representações que constroem da escola que frequentam na prisão.

2 — Comparação das recordações da escola passada com as representações que constroem da escola que frequentam na prisão



A escola que frequentam na prisão é representada por estes jovens de forma muito mais positiva do que aquela que tiveram na infância.

Agora as referências às relações afectivas são quase exclusivamente positivas e não exprimem qualquer situação negativa. Mesmo as relações com a instrução melhoram substancialmente, pois estes jovens acreditam serem capazes de aprendizagens e saberes dantes inacessíveis.

3 — O papel da escola na prisão

O desejo de clarificar algumas das dúvidas que o trabalho com os jovens reclusos tinha suscitado motivou-me a realizar, no âmbito de necessidades académicas, um novo estudo, no mesmo Estabelecimento Prisional, no ano de 1987/88, mantendo um contacto mais directo e assíduo com o funcionamento da escola (1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico).

As questões a clarificar foram:

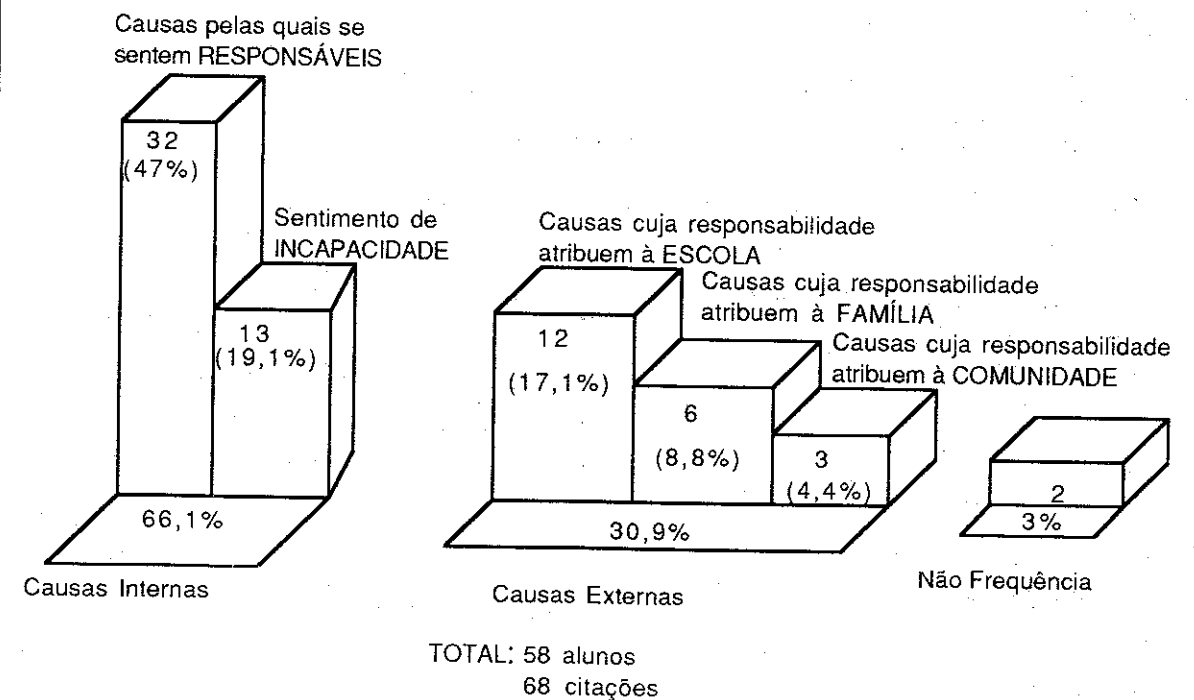
— São, ou não, diferentes as representações que os reclusos fazem da escola que frequentaram na infância e da que frequentaram na prisão?

— Que expectativas têm estes homens e mulheres presos quando se inscrevem na escola?

— O que pensam dela depois de a frequentar?

3.1 — Justificações para as reprovações

O desenvolvimento do trabalho confirmou o que o contacto com os jovens já tinha revelado. A escola passada foi aquela que reprovou repetidamente estes indivíduos ou, mesmo quando não teve essa oportunidade por não a frequentarem com regularidade, os ajudou a interiorizar uma imagem escolar desvalorizada. As razões associadas a causas pelas quais se sentem responsáveis são os motivos mais referidos para justificar as reprovações («não compreendia», «era preguiçoso», «faltava-me vocação», «faltava muito»), «não tinha dom para aquilo», «aquilo era difícil».



Constata-se, pois, que não é à escola que estes alunos atribuem maior responsabilidade pelo seu insucesso, mas a si próprios.

Autores vários têm demonstrado até que ponto a forma como um adulto percebe a criança e o jovem e as atitudes que para com ela ou ele toma influenciam a sua auto-imagem, atribuindo-se certas qualidades, insuficiências ou defeitos. Comunicando-nos uns com os outros, projectamos avaliações positivas ou negativas no eu do outro que condicionam a forma como ele próprio se percebe.

Marcados por esta experiência escolar negativa e enformados com sentimentos de incapacidade para aprenderem o saber ensinado na escola, que expectativas têm os reclusos quando se inscrevem na escola na prisão?

3.2 — Expectativas face à escola na prisão

Os dados recolhidos revelam que os motivos por que os reclusos se inscreveram na escola que funciona na prisão são essencialmente de ampliação dos horizontes culturais. Principalmente para os que frequentam o 5.º/6.º ano de escolaridade, estes são os motivos mais referidos. Talvez a percepção deste nível de escolaridade, não como um ciclo básico mas sim como um grau complementar, esteja na origem desta resposta. Para os que frequentam a 1.ª fase do 1.º ciclo, o ler e o escrever constituem o objectivo principal da escola. É natural que chegados a esta idade (a idade média destes homens era 25,3 anos), e transportando uma imagem de si como analfabetos, descubram agora o prazer de ler um texto, escrever uma carta, fazer uma conta.

Mas, para a escola, há ainda a expectativa de «ser um passatempo», «uma forma de aproveitar o tempo utilmente», «ser uma forma de sair do submarino», «ser uma forma de passar os longos dias».

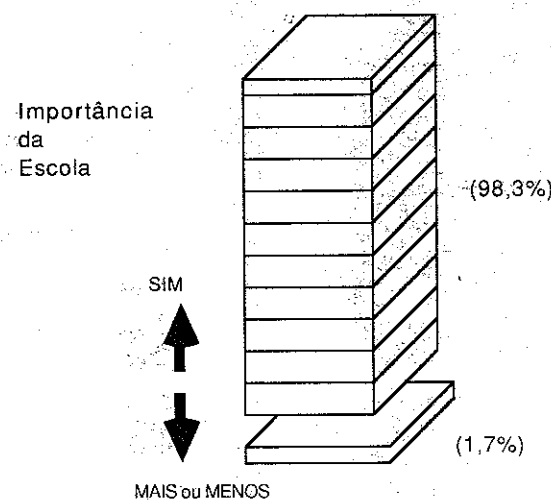
As expectativas relacionadas com o diploma escolar aparecem apenas em tercei-

ro lugar e são do tipo: «queria fazer o exame», «para obter a 4.ª classe», «para fazer o Ciclo Preparatório».

É de realçar que a associação da escola a objectivos profissionais é dos aspectos menos referidos. Quando é apresentada, dizem: «ajuda a tirar um emprego», «querio tirar a carta de condução».

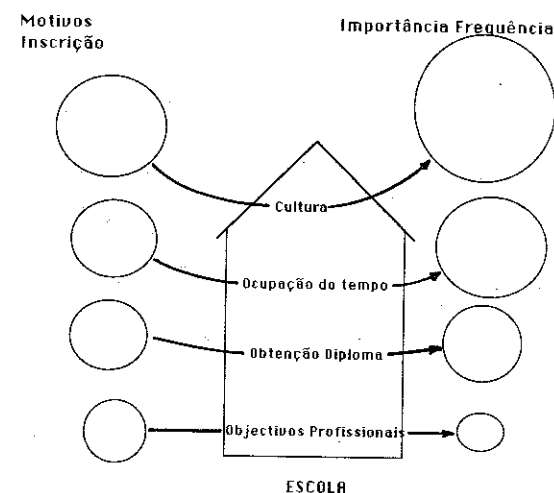
3.3 — Importância atribuída à escola que frequentam na prisão

Conhecidas as expectativas face à escola no momento da inscrição, vale a pena talvez compará-las com a importância que lhe atribuem depois de a frequentarem.



Os reclusos-estudantes consideram importante a frequência da escola. Apenas um considera a escola. Apenas um considera a escola só mais ou menos importante e justifica a sua opinião por achar o ensino infantilizante.

Os motivos que apresentam para justificar a importância da escola que frequentam, quando comparados com as expectativas no momento de inscrição, mostram que a representação da escola é principalmente de ordem cultural. Aumentam as referências a «dá-nos cultura», «é bom saber», «é bom saber de tudo um pouco», «aprende-se sempre».



A escola é, portanto, precepcionada como forma de aprender mais, de aprender coisas novas e de permitir enriquecimento com saberes considerados inacessíveis.

Por outro lado, a escola é considerada uma das actividades da prisão de que mais gostam. «Ambiente onde se gosta de estar», «ambiente que melhora o estado psicológico», «ambiente de liberdade», «fuga ao ambiente pesado da prisão», «convívio», «lugar que permite conhecermos-nos melhor», são os motivos referidos.

Em síntese, acredito que o «eu-escolar» com que os reclusos, que frequentam a escola na prisão, agora se identificam é bastante diferente daquele que se atribuíam no passado. O facto de se sentirem bem na escola e de se crerem capazes de acompanhar o que é ensinado, ajuda-os a criar uma imagem mais favorável de si mesmos.

Acredito também que, para a representação que fazem de si e da escola, tem uma importância decisiva a relação que mantêm com a instrução (conteúdos, códigos linguísticos, materiais escolares,...) e com os «outros significativos» (professores, colegas, responsáveis pelo funcionamento da escola na prisão).

Estes homens apercebem-se agora de que os conhecimentos também lhes são destinados e que também eles podem ter acesso aos problemas de ordem intelectual.

São as influências das expectativas dos professores que os fazem ver-se de forma mais optimista.

4 — Reflexão final

Mas, se os alunos-reclusos têm uma representação positiva da escola na prisão, como explicar as desistências? Como explicar a não existência de um efeito multiplicador junto dos outros reclusos? Como explicar que, apesar dos baixos

livraria **GALILEU** s.a.

visite-nos...

e encontrará na livraria Galileu todas as novidades e um bom stock das principais Editoras portuguesas.

HORÁRIO: das 10 às 13h. e das 15 às 20h.
Sábados das 10 às 23.45h.
Av. Valbom, 24-A - Telef. 486 60 14

2750 CASCAIS

níveis de instrução dos reclusos, a percentagem de inscrições na escola seja tão reduzida?

Será que a representação negativa da escola passada tem alguma influência?

Estas foram algumas interrogações a que se tentou dar respostas, inquirindo os reclusos deste Estabelecimento Prisional e que não frequentam a escola.

Para isso servimo-nos do apoio dos professores que através dos reclusos-estudantes os fizeram chegar aos outros presos. Temos o tratamento desses dados mas a análise dos inquéritos faz-nos ter algumas dúvidas quanto à forma como foram aplicados e preenchidos. Talvez a não clarificação e a não motivação para a tarefa tenha induzido alguns dos tipos de resposta. Por outro lado, as dificuldades ou mesmo a incapacidade que muitos dos reclusos têm em escrever (o que obrigaria a que as respostas fossem escritas por outro), talvez tenha impedido de obter a opinião dos homens e mulheres menos escolarizados.

Considero, no entanto, importante e urgente reflectir sobre estes aspectos e, por isso, apesar das reservas referidas, apresento alguns dos dados obtidos.

5 — O que pensam da escola na prisão aqueles que não a frequentam

Os reclusos que se pronunciaram têm níveis de escolaridade que vão do Ensino Primário completo (30,5%) ao diploma do Ciclo Preparatório (27,3%) e diploma do Ensino Secundário — 9.º ano de escolaridade (22%).

Apenas um número reduzido de respostas corresponde a reclusos que não têm diploma da 4.ª classe (3,2%). Há, no entanto, também respostas de reclusos com o 11.º ano e com o 12.º ano (9,4%) e mesmo dois universitários.

Apesar de não frequentarem a escola

na prisão consideram-na importante (92,6%).

Apenas 1 (1%) não considera importante e justifica dizendo: «não gosto de estudar».

Os que referem ser a escola mais ou menos importante (6,3%), dizem: «aprende-se alguma coisa», «não gosto de professores».

Os motivos, portanto, mais referidos são os que justificam a importância da escola na prisão. A análise desses motivos revela preocupações com o futuro: «é bom para o futuro», «é bom para a inserção na sociedade», «só com estudos se vence», «é bom para a formação e para o futuro», «é importante para a realização profissional».

Associam a escola a «Saber» (49%) e menos a «Benefícios» (18,1%), «Convívio» (14,7%), «Obediência» (5%), «Família» (5%), «Liberdade» (4,2%), «Balbúrdia» (2,8%), «Prisão» (0,6%) e «Escape» (0,6%).

Porquê, então, a não inscrição na escola?

As justificações apresentadas são:

— «Por que pensava ficar pouco tempo na prisão» (14,7%);

— «Não há ensino secundário» (12,6%);

— «Não tenho paciência para frequentar a escola» (10,6%);

— «Prefiro ficar no pavilhão a pensar nos meus problemas» (7,3%);

— «Não sabia que podia frequentar a escola» (6,6%);

— «O que é ensinado na escola não me interessa» (6,6%);

Se aceitarmos, tal como os reclusos, que a escola na prisão é importante, servem estes dados apenas para indicar processos de estudo que permitam progressivamente alargar e melhorar o funcionamento desta escola.

(¹) Lei de Bases do Sistema Educativo Português — Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro.